



ISSN: 2595-5713
Vol. 04 | N°. 8 | Ano 2021

Oliveira Adão Miguel

MEMÓRIAS DOS GRUPOS ÉTNICOS MINORITÁRIOS NO SUL DE ANGOLA: A DIMENSÃO DA VULNERABILIDADE SOCIO-ECONÓMICA DOS SAN

MEMORIES OF ETHNIC MINORITY GROUPS IN
SOUTHERN ANGOLA: THE DIMENSION OF THE SOCIO-
ECONOMIC VULNERABILITY OF THE SAN

RESUMO: O presente artigo é parte de um exercício investigativo que recorre ao conceito de minoria para identificar grupos sociais historicamente excluídos do processo de garantia dos direitos básicos como moradia, emprego, saúde, educação e bilhete de identidade, tendo em conta as questões étnicas, raciais, religiosas, gênero e sexualidade. No caso dos San, visto como os povos mais antigos do território sul angolano, a memória coletiva presente nos marcos sociais, como família, religião, espaço, linguagem e classes sociais, está repleta de cenários de exclusão social, política e económica, derivados da ocupação dos povos bantu, da colonização portuguesa e com uma pós-independência excludente em ato contínuo, tendo em atenção a questão dos direitos civis, políticos e económicos não respeitados pelo estado angolano independentemente de estar plasmado na constituição da República de 2010.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; Grupos Minoritários; Sans.

ABSTRACT: This article is part of an investigative exercise that uses the concept of minority to identify social groups historically excluded from the process of guaranteeing basic rights such as housing, employment, health, education and identity card, taking into account ethnic, racial issues, religious, gender and sexuality. In the case of the San, seen as the oldest peoples in the territory of southern Angola, the collective memory present in social frameworks such as family, religion, space, language and social classes is full of scenarios of social, political and economic exclusion derived from occupation of the Bantu peoples, of Portuguese colonization and with an exclusive post-independence in a continuous act, taking into account the issue of civil, political and economic rights not respected by the Angolan state, regardless of being reflected in the 2010 constitution of the republic.

KEY WORDS: Memory; Minority Groups; Sans.

Site/Contato

Editores

Ivaldo Marciano
ivaldomarciano@gmail.com

Alexandre António Timbane
alexandre.timbane@unilab.edu.br

Rodrigo Castro Rezende
rodcastrorez@gmail.com

MEMÓRIAS DOS GRUPOS ÉTNICOS MINORITÁRIOS NO SUL DE ANGOLA: A DIMENSÃO DA VULNERABILIDADE SOCIO-ECONÓMICA DOS SAN

Oliveira Adão Miguel¹

Introdução

A formação social de Angola resulta da confluência de diversos povos (grupos étnicos) com realce ao grupo dos *Khoisan*, conhecido como o povo mais antigo do planeta. A origem deste povo suscita várias discussões, bem como a nomenclatura *Khoisan*. Todavia, resulta da articulação de duas palavras: *khoi-khoi*, que significa homem, e *San*, que significa acumular, colher frutas, arrancar raízes da terra ou capturar pequenos. No geral, o conceito significa “pessoa”. Para o contexto de Angola, usaremos apenas o termo San para identificar parte do grupo que perpassa o seu espaço territorial.

No presente trabalho, pretendemos estudar as memórias dos grupos minoritários, com destaque aos *San* do Sul de Angola. Para tanto, olhamos sobretudo o processo de exclusão social, política e económica a que historicamente membros deste grupo são submetidos. O olhar sobre a memória nos levará a Maurice Halbwachs, autor das obras *Quadros sociais da Memória* (1925) e *Memória Coletiva* (2006). Halbwachs a definiu como o conjunto de experiências compartilhadas entre gerações e membros da sociedade, sobre fatos, pessoas, sentimentos e sentidos, que se desenvolvem tanto nas interações verbais e cotidianas dos agentes sociais (memória comunicativa e oral) quanto em formas mais institucionalizadas, escritas e monumentais. Halbwachs defendia que as concepções do passado são afetadas pelas imagens do presente e, no caso dos *San*, pela dimensão da exclusão social de que são vítimas diariamente dentro do estado angolano. Este processo de exclusão decorre da ausência de políticas inclusivas, ou se quisermos políticas de discriminação positiva. Na verdade, esta memória atualiza-se constantemente no âmbito de um passado que não é de facto o das comunidades *San* em todo o sul de Angola; comunidades que sofreram exclusão social, discriminação e exploração económica em um contexto em que os direitos humanos eram rotineiramente desrespeitados e violados.

Esta memória está presente através dos quadros sociais da memória (HALBWACHS, 1925) como a família, religião, espaço, linguagem e as classes sociais. Historicamente, o *San* na condição de grupo indígena do território angolano, foram submetidos a ocupação dos povos

¹ Oliveira Adão Miguel, Mestre em Ciências da Educação pelo Instituto Superior de Ciências da Educação da Huíla (ISCED-HUILA) Angola, na opção História da África. Doutorando do Programa de Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Professor do ISCED-Huíla. oliveiraadaomiguel@gmail.com

bantu, a colonização portuguesa, na pós-independência a guerra civil e com a paz ao abandono explícito por falta de políticas de ações afirmativas no intuito de fomentar maior inclusão ao novel dos direitos civis, políticos e económicos. O trabalho foi desenvolvido a partir de documentos bibliográficos e informações veiculadas por jornais angolanos como o *Jornal de Angola*, *DW África* e a *Rádio Voz da América*. Estes trazem a fala de várias personagens ligadas a comunidade *San*, o que de certa forma permite-nos adentrar a uma dimensão de como se configura a exclusão deste grupo humano.

Etnografando os *Khoisan* em África: binóculos inclinados ao sul de Angola

É dado assente que a formação social de Angola resulta da junção de diversos povos (grupos étnicos) e reinos africanos situados entre a África Central e Austral. Esses povos exerciam diferentes atividades socioeconômicas possuindo uma pluralidade de valores culturais, sistemas políticos e cosmogônicos. Tendo em conta a sua diversidade etnolinguística e sociocultural e devido a colonização por descendentes de europeus, hoje o território é constituído pelo povo bantu e não bantu.² É interessante notar que o Fundo Antigo do Povoamento Angolano é composto dos povos *Pigmeus*, *Vátuas*, *Khoisan* e *Bantu*³ e sobre este assunto Douglas Wheeler e René Pélissier ressaltam a presença prevaiente dos povos *Pigmeus*, *Khoisan* e *Vátuas* (*Ovatwa*: Grupo que subdivide-se em *Ovacuissi* e *Ovacuepe*) como os mais antigos do território angolano:

Existem três pequenos grupos não bantu em Angola, os povos de língua *khoisan*, que tiveram origem no grupo bosquímano e hotentote: os bosquímanos, os *cuissi* e os *cuepe*. Contando apenas cerca de dois mil a seis mil indivíduos, são sobretudo nómadas do deserto. Últimos representantes de antigos caçadores-recolectores da velha Angola, estes homens de pele castanha são marginais, quer em termos raciais quer em termos culturais. Não pertencendo exactamente ao grupo racial negro, possuem algumas características físicas do grupo mongol. Habitam os confins áridos e remotos do sul de Angola. Não estando integrados no sistema moderno, produto dos últimos cinco séculos, rejeitaram a influência bantu e europeias e avançaram por sua conta e risco para os desertos inóspitos, em vez de competirem por terras estrangeiras mais bem irrigadas” (WHEELER; PÉLISSIER, 2009, p. 36).

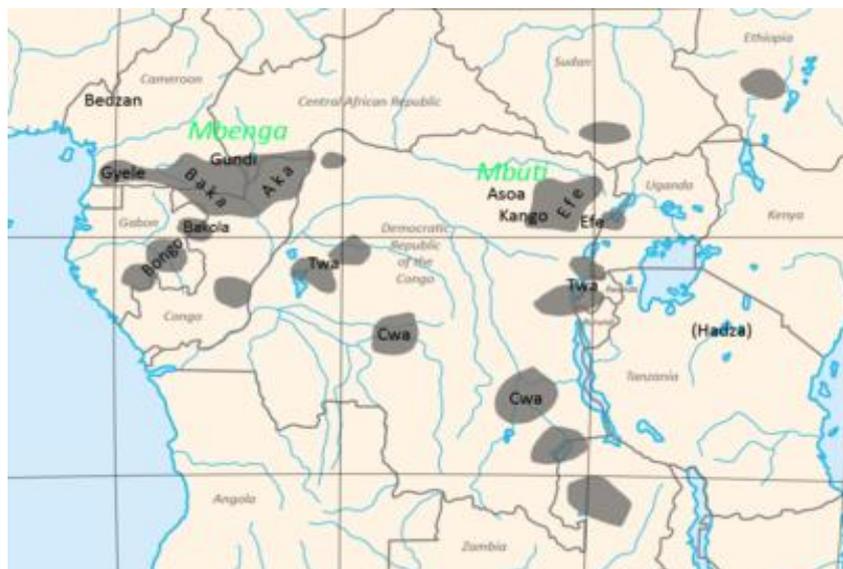
Os *Pigmeus* no continente africano vivem em florestas tropicais e equatoriais e no passado podiam ser encontrados na República Democrática do Congo, tendo também vivido no

² Conforme texto do VIII Encontro Estadual de História. Feira de Santana, ANPUH, 2016. Disponível: http://www.encontro2016.bahia.anpuh.org/resources/anais/49/1476981752_ARQUIVO_FormacaodeAngolaeasResistenciasAfricanas.pdf.

³ Para aprofundar este assunto ver o artigo de Virgílio (2015).

MEMÓRIAS DOS GRUPOS ÉTNICOS MINORITÁRIOS NO SUL DE ANGOLA: A DIMENSÃO DA VULNERABILIDADE SOCIO-ECONÓMICA DOS SAN norte de Angola (bacia do rio Zaire) ao longo de vários anos. Geralmente apresentam baixa estatura e medem em torno de 1,50 m de altura.⁴

Mapa nº01: verificamos as partes aonde habitam os *Pigmeus* no atual território africano.⁵



O composto *Khoisan*, como conhecemos hoje, foi cunhado por Leonhard Schulze na década de 1920 e popularizado por Isaac Schapera em 1930. Existe toda uma discussão em torno do etnônimo, pois, os povos *Khoisan* resultam, como dissemos acima, da articulação de duas palavras *khoi-khoi* e *San*, resultando em um conceito que pode ser traduzido como pessoa. De acordo com Redinha (1969, p. 8), “Os *San* e *Khoi*⁶ evidenciam afinidades morfológicas e etnolingüísticas”. Assim, os pastores-nômades/ semi-nômades *Khoekhoe*, *Khoi*, *Khoe*, *Khoikhoi*, *Khoikhoin*, *Cóis* ou *Khoekhoen* acabaram sendo fundidos aos caçadores-coletores *San* e os dois grupos foram sendo descritos por um termo genérico que acabou por uni-los, fazendo-os ser conhecidos por *Khoisan*/ *Coissãs*/ *Coisãs*/ *Khoesan* (AGUIAR, 2020, p. 71-72).⁷

Porém, a presença colonial demarcou-os em uma subjetividade negativa através dos conceitos *hotentote* (gago), utilizado pelos holandeses no século XVII, e *bosquímano* (homem do bosque). Ambos os conceitos visavam a depreciar a dimensão histórico-antropológico-cultural desses povos. Sobre isto, Estermann (1983, p.175) já dizia que “quanto à designação hotentotes deriva do termo holandês “gago” ou antes cacarejador, por causa dos sons estalinhos que fazem parte da sua fonética”. Ana Lúcia Leite e Aguiar, por sua vez, ressalta o seguinte:

⁴ Fonte: Pigmeus. Disponível: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pigmeus>.

⁵ Fonte: Pigmeus. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pigmeus>.

⁶ Fonte: Origens: entre o rasto e o rosto na alma dos Khoisan do Cunene. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zgBgAcnnlK0>.

⁷ Fonte: Wikipédia: San people. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/San_people..

Por sua língua típica, foram chamados de ‘hotentotes’ (ou ‘gagos’, em neerlandês), e pelas práticas de caça e coleta foram denominados ‘bosquímanes’ (derivação do inglês ‘bushman’ ou homem do mato). Esses termos, utilizados há mais de três séculos para se referir aos San, aos *Khoekhoen*, aos Nama, aos Griqua, dentre alguns outros, são verbetes cunhados por estrangeiros que descreviam os povos locais a partir de suas observações. Evitando e renegando os termos impostos pela chegada dos colonizadores e de suas conceituações, as nomeações, no presente, podem ser feitas pelos nomes mesmo das etnias, tal como a tradição desses povos, ao que tudo indica, lhes transmitiu, ou tal como o tempo presente nos aconselha a fazer (LEITE; AGUIAR, 2020, p. 71).

Não obstante a esta visão pejorativa, os *bantu* ao se fixarem em território angolano, vistos como invasores passaram a tratar os *Khoisan* de *Kamussequele*. “Porém, os povos *bantu*, vizinhos dos *Kwadi* e *Kung*, atribuíram a estes povos certos nomes pejorativos que diferem em cada região, dentre os quais citaremos os seguintes: *Ova-Kwangala*, *Mukuassekele*, *Camussequele*, *Tuzala-Majimo*, *Ova-Kwankala*, *Cacuengos*, *Vakwengo*, *Ovassekele*, *Ovakedes*, *Kazama*. *Os Kung chamam aos Ovawambo de kai*, significa negro e *nany* a todos povos negro Angolanos que não sejam *Ovawambo*” (MUSSILI e PEDRO, 2021, p. 168). E sobre este assunto Kondja argumenta que:

O termo *San* é uma evolução de “Sonqua/Soaqua” (plural masculino) ou “*Saan/saon*” (plural de gênero comum). Originário das línguas Khoikhoi, *san* significa “aborígenes” ou “autóctones”, pessoa originária da terra em que habita. O etnónimo Sonqua foi amplamente difundido em documentos holandeses e ingleses desde o século XVII. Por volta de 1970, foi substituído por Bosquímanos, que, do holandês “*Bosjesman*”, significa “pessoas do mato”. Os termos *Bushmen* e Hotentote carrega conotações negativas. E, por essa razão, muitos dos investigadores têm preferido, desde o final do século XX, usar o termo *San* para se referirem aos caçadores e coletores. Embora os caçadores e coletores não sejam mais numerosos que os *Khoe*, estão, no entanto, geograficamente mais dispersos e são linguisticamente mais diversos (KONDJA, 2021, p. 11 citado por MUSSILI; PEDRO, 2021, p. 168).

Em uma pesquisa feita por Mussili e Pedro (2021, p. 168), no contexto do território do Cunene, observou-se que os indivíduos deste grupo etnolinguístico do município do Cuanhama afirmavam desconhecer a denominação *Khoisan* e diziam ser os *Kung* e *Kwedi*. Este nome estende-se a todos, incluindo alguns que vivem na República da Namíbia, os *vakwedi/kwedi*, os *San* e os *Malili*. Estes últimos ainda se encontram num estado de convívio isolado do resto de qualquer sociedade, vivendo uma cultura considerada “primitiva” e “fugindo” de outros grupos humanos. Conhecidos como povos nômades ou seminômades, o termo *San* (*Saan*, *Sân*), no idioma *Khoekhoegowab*, provavelmente se refere a pessoas sem gado ou pessoas que forrageiam por sua própria comida. É geralmente aplicado aos povos caçadores e coletores do sul da África, que descendem dos primeiros homens modernos desta região.

Em outra tentativa de definição, a palavra *San* surge de forma mais assertiva, significando “povos que colhem comida selvagem” (AGUIAR, 2000, p. 68). Geralmente são povos caçadores-coletores e, em média, mais baixos e esguios que os demais povos africanos; possuem uma coloração da pele amarelada e prega epicântica nos olhos; as mulheres possuem esteatopígia (grande desenvolvimento posterior das nádegas). São os habitantes mais antigos do território angolano e vivem separados em pequenos grupos com características seminômades; diferentes dos Bantu, apresentam uma estatura pequena, com uma cor que se aproxima ao óleo de palma, cabelo curto encaracolado e rijo. Hoje representam menos de 10% da população que constitui o mosaico etnolinguístico do país (MAIUNGA, 2021, p. 24). Fituni (1985, p. 47) acrescenta os seguintes argumentos:

“Geralmente, os *Khoisan* apresentam estatura média de 1,60 metro para os homens e 1,50 metro para as mulheres, membros de ossatura fina, com os pés e mãos pequenas a cabeça, em geral é dolicocefala, o cabelo cresce em pequenos tufo enrolados, distanciando-se uns dos outros, assemelhando-se a graus de pimenta. A forma do rosto é fracamente triangular, devido à saliência dos pómulos, os olhos ligeiramente oblíquos; o nariz é largo e achatado com os orifícios muito largos e por vezes ligeiramente virados para cima; genericamente apresentam a barriga saliente, o mesmo acontece com a parte posterior ao sexo para as mulheres «esteatopígia». (Estermann, 1983, p. 36). A pigmentação é mais clara em relação à dos Bantu e Vátua, rugosidade precoce da pele, principalmente os de sexo feminino. São tradicionalmente, caçadores-coletores e nômades. A sua dieta alimentar e a atividade econômica são à base de raízes de plantas, frutos silvestres, carnes de caça e mariscos. Semelhantes aos *Khoi*, em linguagem e aparência, os San não se dedicam à pastorícia nem à agricultura (FITUNI, 1985, p. 47)

Imagem n 01: duas Khoisan em idades diferentes ⁸



⁸https://www.google.com/search?q=Imagem+de+Khoisan&rlz=1C1SQJL_pt-PTBR1013BR1014&sxsrf=ALiCzsY80XnDJ1Y9D0GnSMWXovZxxRuC3g:1663690544022&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwj8zpGf4qP6AhWpHbkGHTKkAt8Q_AUoAXoECAIQAw&biw=1366&bih=625&dpr=1#imgc=597_VvbwCzfkTM

Os *San* são os povos mais antigos do Sul da África⁹ e hoje encontram-se na Namíbia, em Botswana, na África do Sul, em Angola, no Zâmbia, em Lesoto e no Zimbábue. Geneticistas apontam que as mais antigas amostras de genes modernos encontradas vieram dos *San* e datam de cerca de 80.000 anos atrás. De acordo com um estudo genético autossômico de 2012, o *Khoisan* podem ser divididos em dois grupos correspondentes às regiões noroeste e sudeste do Kalahari, os quais se separaram nos últimos 30 mil anos. Todos os indivíduos testados na amostra apresentaram ancestralidade de populações não-Khoisan introduzidas há aproximadamente 1200 anos como resultado da expansão bantu. Além disso, os *Hadzas*, um fruto de caçadores-coletores do Leste de África que também utilizam uma língua baseada em cliques (como a dos *Khoisan*), possuem um quarto de sua ancestralidade oriunda de uma população relacionada aos *Khoisan* (revelando uma ligação genética entre o Sul da África e o Leste da África, ou seja, com as populações *Khoisan* de Angola e da Namíbia, que teriam se separado daquelas da África Oriental entre 25 mil a 40 mil anos atrás). Conforme este estudo genético de 2014, eles poderiam ter sido o maior grupo humano no mundo em termos demográficos no período entre 120 mil a 30 mil anos atrás.¹⁰

Mapa n°02: localização dos *Khoi-khoi* e *San* em África¹¹



Ao contrário do que se pensa, principalmente em Angola, o etnônimo *Khoisan* é constituído por vários povos, não apenas dois (*khoi-khoi* e *san*). O etnônimo abarca os povos *Hadze*, *Sanawe*, *Kwadi*, *Khwe*, *Nama*, *Damara*, *Hailom*, *Ju'hoani*, *!Xun* (*!Xung*), *!Hõa*, *!xóõ* e *N/uu* (*Khomani*), *Khoi* (*Khoi-khoi*), espalhados na vasta região da África Austral. Em Angola

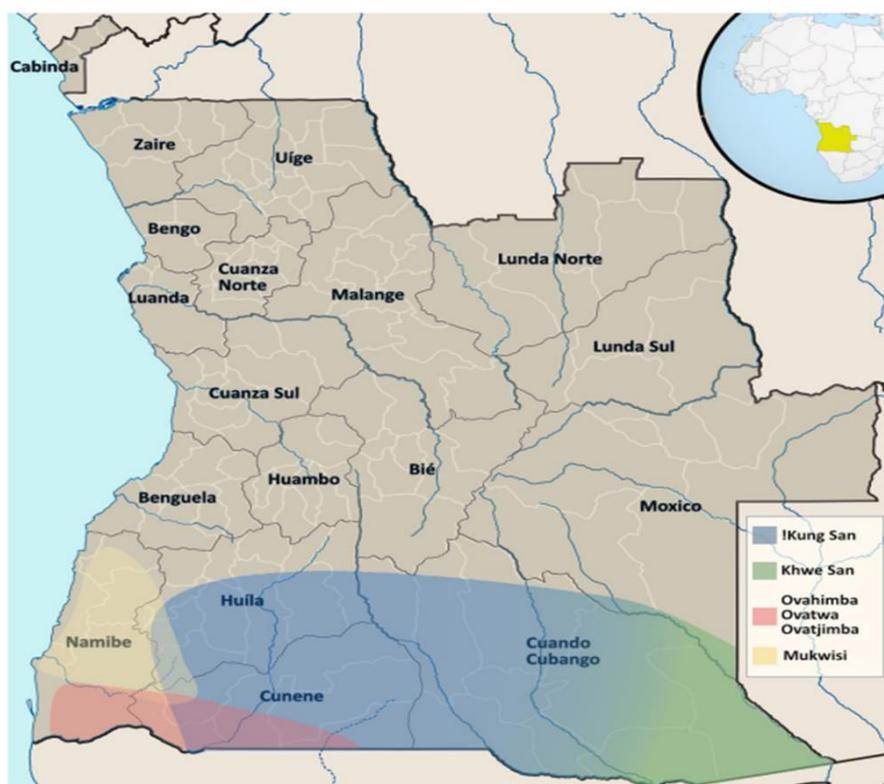
⁹ Sobre as origens deste povo, é recomendável assistir a síntese a partir do vídeo disponível no YouTube: Evolução e dispersão dos HOMINÍDEOS (Parte 1: origem das espécies) (#Pirula 338.1) <https://www.youtube.com/watch?v=8ox6Ff2SbWw&t=6s>.

¹⁰ Tribo Khoisan: uma luta pela sobrevivência. Disponível em: <https://vivimetalium.wordpress.com/2015/09/17/tribo-khoisan-uma-luta-secular-pela-sobrevivencia/>.

¹¹ https://static.cambridge.org/binary/version/id/urn:cambridge.org:id:binary:20190709041230079-0136:9781108289603:41826fig1_1.png?pub-status=live.

MEMÓRIAS DOS GRUPOS ÉTNICOS MINORITÁRIOS NO SUL DE ANGOLA: A DIMENSÃO DA VULNERABILIDADE SOCIO-ECONÓMICA DOS SAN encontramos, principalmente os *Kung (Xung)*, variedade dos San e os *Kwed (ovakede)*, da variedade dos *Khoi-khoi* (KONDJA, 2021, p. 10-18 citado por MUSSILI E PEDRO, 2021, p. 168). A atual região do Sul de Angola que engloba as províncias do Cuando Cubango, Namibe, Huíla e Cunene tem uma composição étnica aonde se podem encontrar os Khoisan se tivermos em conta o presente mapa:

Mapa nº 03: Distribuição dos povos *Khoisan* em Angola¹²



Conforme ilustrado nesta seção, a falta de informação impacta o planeamento e a triagem adicional para os povos indígenas em algumas áreas do território do sul de Angola. Os dados socioeconômicos sobre os povos originários e minoritários em Angola são muito limitados, embora no nível provincial e municipal alguma coleta de dados seja realizada e pequenas pesquisas tenham sido realizadas por organizações da sociedade civil. Grupos considerados povos indígenas sob orientação do Banco Mundial são encontrados principalmente nas províncias de Namibe, Huíla, Cunene, Cuando Cubango, bem como pequenas populações relatadas em Moxico. Ocorre que historicamente estes grupos foram sendo excluídos dos seus habitats por conta da expansão do grupo bantu¹³ que acabou se instalando no território angolano.

¹² Ministério da Educação, 2021. PROJETO DE EMPODERAMENTO FEMININO E APRENDIZADO PARA TODOS (PAT II) Projeto nº 168699 Disponível em https://www.pat-med.org/wp-content/uploads/2021/02/EPPI_PAT-II-P168699_FINAL.pdf.

¹³ O termo Bantu foi inventado pelo alemão Wilhem Bleek, em 1851, através da comparação dos sistemas de classes de quatro línguas localizadas no Sul de África, a saber: *o Helelo, o Sotho, o Tswana e Whosa*. Segundo Kukanda

As hipóteses e os resultados das pesquisas mostram que a expansão das línguas Bantu e a difusão de ferro são fenómenos podem ser percebidas através de duas hipóteses:

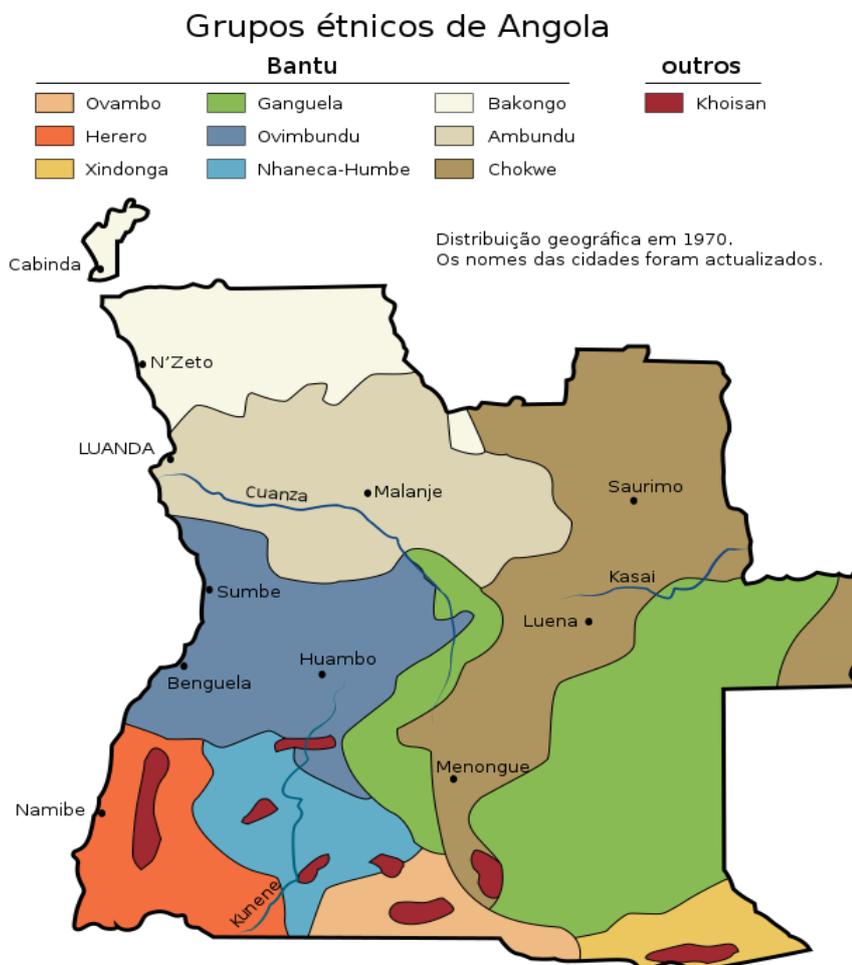
- a) O centro do desenvolvimento das línguas Bantu situa-se numa região do Lago Tchad, especificamente a Sul. Os povos Bantu que encetaram as primeiras migrações habitavam as grandes florestas tropicais (próximas do Lago Vitória) e se expandiram posteriormente para África Oriental, Central e Austral. A fonte das línguas atuais que corresponde ao proto-bantu podem ser encontradas entre os criadores e falantes das línguas do Oeste e Este da África, que habitavam o Lago Tchad (de onde partiram utilizando as vias aquáticas da bacia do Congo, tendo atravessado a floresta equatorial). Portanto, se pode concluir no quadro desta hipótese que a origem das línguas Bantu está ligado ao Leste da África Central entre o Lago Tchad e a parte Norte dos Camarões;
- b) Uma outra hipótese tem que ver com a ideia de cultural de que as migrações dos povos Bantu teriam aparecido no Benué, concluindo que a atual cultura bantu seria apenas a expressão atual e recente duma cultura original da costa da Guiné, cultura essa, hoje, ligeiramente diferenciada e que tem sido o suporte de centenas de línguas existentes, cujo conjunto pertence a um sub-grupo do ramo Benué-Congo dentro da família Níger-Congo.

Por sua vez, o autor Elikia Mbokolo (2011) preocupou-se em fazer uma síntese dos resultados conhecidos pelas ciências, utilizando as diversas hipóteses e chegou à conclusão que a migração Bantu teve como ponto de partida o Benué Médio, região fronteira entre a Nigéria e os Camarões. Os Bantu, segundo Mbokolo, seguiram duas vias para a sua expansão: A primeira partindo para Este e Oeste Entre-Os-Rios, através das savanas e da faixa Atlântica, e a segunda para Leste através das savanas do Norte e dos planaltos que cercam os grandes Lagos. Por esta segunda via chegaram ao País Luba, no Shaba, onde os linguistas situam o principal núcleo bantófono, aonde irradiaram as atuais línguas pertencentes ao grupo Bantu. Daí seguiram para África Austral, tendo atingido Angola. Portanto, parte do FAPA (Fundo Antigo de Povoamento de África) ficou composta por *Pigmeus*, *Khoisan* (*Hkoi-Khoi* e os *San*), *Vátua* e *Bantu*. Estes povos podem ser encontrados, em número considerável, ao longo do rio Cunene, mas a sua presença nas províncias da Huila e Cuando Cubango é também notória. Na localidade de Quipungo, província da Huíla, os Khoisan são denominados por *Ovamukuacala* ou

(1985), as descobertas de Bleek foram apresentadas na sua Tese de Doutouramento na Universidade de Bonn e sob o título “*De nominarum generibus linguarum Africae Australis*” (“Dos gêneros de nomes de línguas da África Austral”). Valorizando a origem termo Bantu o mesmo é estritamente uma classificação de comunidade humana que utiliza os termos Ntu (singular) e Bantu (plural), para designar o ser humano e consequentemente seres humanos. Em 1856, quando Bleek lançou a palavra Bantu reconheceu logo a sua amplitude na história da linguística. Para se mostrar a afinidade linguística entre os povos Bantu de Angola passasse a apresentar os termos que designam ser

Kamussequele. Os *Vátua*, de origem obscura, habitam, contudo, desde longa data as margens do rio Curoca e uma estreita faixa do deserto do Namibe. Infelizmente, constituem-se em grupos minoritários em solo angolano.

Mapa nº04: Grupos étnicos de Angola¹⁴



A condição de minoria: A dimensão da vulnerabilidade do grupo étnico San no Sul de Angola

A discussão sobre os grupos minoritários apresenta diversas visões e contextualizações concretas de acordo com os estudos sociológicos e antropológicos. Neste caso de forma interessante Cláudio Márcio do Carmo faz a seguinte resenha:

humano ou indivíduo. Por exemplo, os *Ambundu (Kimbundu) – Mutu*, os *Bacongo (Kikongo) – Muntu*, os *Cokwe (Cokwe) – Muthu* e os *Ovimbundu (Umbundu) – Munu* (ALTUNA, 2006, p. 12)

¹⁴Tribo Khoisan. Uma luta pela sobrevivência. Disponível em: <https://vivimetalium.wordpress.com/2015/09/17/tribo-khoisan-uma-luta-secular-pela-sobrevivencia/>.

A ideia de grupo minoritário e, por conseguinte, o conceito de minoria tem sido debatida e compreendida de maneiras diferentes por pesquisadores de várias áreas. Acsehrad discute o conceito de minoria a partir de uma perspectiva iluminista, acreditando na ideia de que minoria não parece ser um termo adequado para representar os “grupos ideologicamente menos poderosos” por contrariar o ideal de união universal que o próprio Iluminismo defendia. Carvalheiro demonstra, em sua pesquisa sobre a representação dos caboverdianos na mídia portuguesa, um conceito de minoria a partir da ideia do diferente e do numericamente menor, apontando para um suposto padrão como elemento gerador de invisibilidade e estereotipia. Rifiotis, por sua vez, parece compreender as minorias como grupos que poderiam, em circunstâncias específicas, correr o risco de perder a própria identidade por serem vitimizados por processos de controlo e homogeneização. Já Séguin, a partir de uma perspectiva jurídica, relaciona as minorias aos chamados grupos vulneráveis, os quais são descritos por ela como grupos que sofrem discriminação e são vítimas de intolerância. Aqui, percebemos que grupos minoritários e grupos vulneráveis possuem elementos característicos em comum, embora não estabeleçam obrigatoriamente uma relação sempre de proximidade conceitual. O que parece comum está na estreita relação de afetamento no que tange ao poder que lhes é tirado, ao processo de dominação, à violência sofrida, à marginalização social e a uma necessidade premente de tolerância que, segundo boa parte da literatura a esse respeito, não é verificada (CARMO, 2016, p. 203-204).

A discussão do conceito de minorias também é apresentada por Liliana Jubilut, que afirma que a construção conceitual de minorias deve considerar uma abordagem filosófica, jurídica, social e política, uma vez que todas as dimensões colaboram para a definição de grupos vulneráveis enquadrados nesse conceito. Assevera-se, portanto, que estes estão vinculados ao constructo histórico e social (JUBILUT, 2013 citado por SOUZA, 2019, p. 12). Neste caso, o conceito de minoria é utilizado para identificar grupos sociais historicamente excluídos do processo de garantia de direitos básicos (como, por exemplo, moradia, emprego, saúde, educação), em virtude de questões étnicas, raciais, religiosas, gênero e sexualidade ou por se encontrarem em situação de vulnerabilidade social por serem idosos e portadores de necessidades especiais. Estes grupos sociais de algum modo encontram-se em uma situação de dependência, desvantagem e recebem um tratamento preconceituoso ou discriminatório em relação ao grupo majoritário, como nos casos dos judeus durante a II guerra mundial, os negros nos Brasil ou nos EUA, ou a condição das mulheres em várias partes do mundo (CHAVES, 1970).

Geralmente, os estudos antropológicos e sociológicos dão ênfase a grupos marginalizados, subalternizados e minimizados socialmente no contexto nacional, podendo, inclusive, ser uma maioria em termos quantitativos, como é o caso das mulheres em Angola que corresponde a 52 % da população angolana de acordo com os dados do Censo de 2014. Um outro exemplo relativamente a esta questão historicamente está visível na situação do apartheid na África do Sul no qual os negros constituíam-se na maioria da população, porém, eram os mais martirizados pela sociedade racista.

Os grupos minoritários podem apresentar a características comuns, apesar de variações. Algumas dessas características são: a) Vulnerabilidade: os grupos minoritários, em geral, não encontram amparo suficiente na legislação vigente. Se o amparo legal existe não é implementado de modo eficaz. Por isso, é comum a luta desses grupos por terem sua voz mais escutada nos meios institucionais. Exemplo: transgêneros; b) Identidade em formação: mesmo que exista há muito tempo e que tenha tradições sólidas e estabelecidas, uma minoria vive em um estado de ânimo de constante recomeço de sua identificação social, por ter de se afirmar a todo momento perante a sociedade e suas instituições, reivindicando seus direitos. Exemplo: negros; c) Luta contra privilégios de grupos dominantes: Por serem grupos não-dominantes e, muitas vezes, discriminados, as minorias lutam contra o padrão vigente estabelecido. Essa luta, na atualidade, tem como grande marca a utilização das mídias para expor a situação dessas minorias e levar conhecimento para a população em geral. Exemplo: mulheres; d) Estratégias discursivas: As minorias organizadas, em geral, realizam ações públicas e estratégias de discurso para aumentar a consciência coletiva quanto a seu estado de vulnerabilidade na sociedade. Além das mídias já citadas, passeatas e manifestos também podem ser frequentemente utilizados. Exemplo: movimento LGBTQIA+.¹⁵

Para Juliana Santillios (2008, p. 138), as minorias são “os grupos mais vulneráveis da sociedade, e seus integrantes são expostos à discriminação e à injustiça social e excluídos da participação na vida pública e política”. Neste caso, os Khoisan podem se ajustar a este padrão, se tivermos em conta a visão defendida por Maiunga, quando esta afirma que estes povos são uma minoria que clama por direitos, sendo alvo de discriminação e exclusão em várias esferas, com destaque no setor educativo. Fruto desta discriminação continuada, estes incorporam uma imagem de inferioridade, tornando-se a sua autodepreciação um dos instrumentos mais poderosos da sua própria opressão e autoexclusão” (MAIUNGA, 2021).

Ainda para Santillios (2008, p. 138), “As minorias étnicas e nacionais são grupos que se diferenciam da maioria da população em razão de sua língua, nacionalidade, religião e/ ou cultura”. Algumas minorias desenvolvem relações com territórios específicos, que são fundamentais para a construção de sua identidade cultural coletiva. Entretanto, defini-las a partir de uma territorialidade específica apenas é insuficiente, pois há minorias étnicas e nacionais (como o povo cigano e alguns povos indígenas nômades, por exemplo) que estão dispersas geograficamente. Portanto, os Khoisan em África constituem-se em uma população estimada em 200.000 falantes. Em Angola, de acordo com os Resultados Definitivos do Censo 2014¹⁶, a

¹⁵ Enriconi, Louise (2017). O que são minorias? Disponível em: <https://www.politize.com.br/o-que-sao-minorias/>.

¹⁶ Ceita, Camilo (2016). Resultados Definitivos Recenseamento Geral da População e Habitação – 2014. Ho-Chin Minh, Caixa Postal n.º 1215 Tel.: (+244) 226 420 730/1 Luanda, Editor Instituto Nacional de Estatística Gabinete Central do Censo Subcomissão de Difusão de Resultados Rua– Angola. Disponível em: www.ine.gov.ao.

população angolana estava estimada a data de 16 de Maio de 2014 em 25 789 024 pessoas, com cerca de 14 mil pessoas pertencentes à etnia San em Angola. Dessas 14 mil, a maioria vive no Cuando Cubango. Infelizmente, os dados do Censo deixam pouco claro a distribuição étnica dos grupos, bem como a presença dos San e outros grupos minoritários em termos estatísticos. Todavia, dados mais recentes, ou seja, de 2019 (apresentam uma população de 32 milhões de habitantes), revelam que os grupos africanos bantu correspondem a 95% dos angolanos, enquanto os outros humanos ficam distribuídos na ordem dos 5%¹⁷. Um povo cuja sua cultura e história são poucas conhecidas, bem como a sua existência encontra-se ameaçada, principalmente, pelo fenómeno de integração e assimilação perpetrado pelo bantu (repare que mesmo em relação a distribuição linguística contidas no censo de 2014 são invisibilizadas e silenciadas).

Essas populações pereceram em grande número com a chegada dos povos bantu. Em alguns casos foram deliberadamente perseguidas, enquanto em outros empurradas para o sul de Angola, nas províncias da Huíla, Cunene e Cuando-Cubango, onde atualmente vivem em pequenos grupos e em fase de extinção. Em tempos mais recentes tem havido um esforço por parte das autoridades governamentais visando a agrupá-los, recuperá-los, dar-lhes uma vida mais digna e conferir-lhes algumas noções de língua portuguesa (passa a ideia de uma nova colonização), para que possam comunicar com os demais e participar no processo de construção e consolidação da nação angolana (CAMBANDA, 2015, p. 44).

Os grupos minoritários, vistos como grupos vulneráveis, geralmente são vítimas de estereótipos, preconceitos, discriminação e outras formas de intolerância de grupos majoritários. Segundo Rogers e Ballantyne (2008), existem fontes de vulnerabilidade, a partir das quais seria possível estabelecer uma tipificação básica: a) vulnerabilidade extrínseca – ocasionada por circunstâncias externas, como falta de poder socioeconômico, pobreza, falta de escolaridade ou carência de recursos; e b) vulnerabilidade intrínseca – causada por características que têm a ver com os próprios indivíduos, tais como doença mental, deficiência intelectual, doença grave, ou os extremos de idade (crianças e idosos) (ROGERS E BALLANTYNE 2008 citado por CARMO 2016, p. 204).

No caso dos Khoisan, a vulnerabilidade está presente na ausência de políticas públicas, até certo ponto, integracionistas e não inclusivas. Aliás, o governo angolano, através da alínea D, do artigo 21º da Constituição da República, deixa claro que é o seu papel “promover o bem-estar, a solidariedade social e a elevação da qualidade de vida do povo angolano, designadamente dos grupos populacionais mais desfavorecidos”. Na prática se fomenta uma certa exclusão social,

¹⁷Wikipédia, a enciclopédia livre. Demografia de Angola. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Demografia_de_Angola.

que se torna visível a partir da ausência de cidadania - o que ocorre através da privação, falta de recursos ou acesso aos diferentes níveis em que a sociedade se organiza (AMARO, 2020). Um estudo desenvolvido pelo Ministério da educação identificou os grupos minoritários do sul de Angola como são o San (!Xun e Khwe), Kwisi, Ovahimba, Ovatwa e provavelmente os Ovatjimba, através de determinados indicadores que espelham a dimensão da situação de risco, que vão desde questões educativas, financeiras, socioeconómicas e culturais.¹⁸

Os jornais nacionais como são o Jornal de Angola e a Voz da América colocam à disposição do público o retrato das várias situações vividas pelos Khoisan diante da vulnerabilidade escancarada. As políticas públicas em relação aos povos Khoisan em Angola não são definidas constitucionalmente em termos de acções afirmativas ou discriminação positiva e em muitos casos se desdobram de forma paliativa, em meio a indignação marcadamente no campo da assistência sanitária, alimentação, ensino, habitação, vestuário, água potável.

Aliás, pejorativamente o estado angolano e os seus governantes continuam a taxá-los de grupos nómadas sem qualquer respeito por serem povos originários do atual território angolano. Um fato não deixa de escapar à vista, vinculando a informação de que “na província do Cuando Cubango existem 31 numerosas comunidades Khoisan nos municípios de Menongue, Cuíto Cuanavale, Cuangar, Calai, Dirico, Nancova, Mavinga e Rivungo. A maioria ainda sobrevive através da caça e recolha de frutos silvestres.¹⁹ Na província do Cunene, desde o mandato do governado António Didalewa, havia acções em curso para ajudar a melhorar a condição de vida deste grupo étnico, mas tudo gira em torno de projetos de sobrevivência e nunca de mobilidade social. Precisamos atentar a informação desembocada do jornal de Angola que citava o seguinte na província do Cunene:

(...) em Ondjiva, o governador António Didalelwa, que disse tratarem-se de grupos minoritárias que vivem nos seis municípios da província. Os khoisan, acrescentou, habitam nos municípios de Cuanhama, Namacunde, Ombadja e Cuvelai e os mutuas ou ovatua no Curoca e Cahama.

O governador da província do Cunene sublinhou que já há projectos para a sua efectiva participação na sociedade e explicou que a preocupação do Governo deve-se ao facto de se ter constatado que, de há um tempo a esta parte, pouca tem sido a atenção dada àqueles grupos, sobretudo no que respeita às suas condições alimentares e de habitabilidade, que considerou ainda precárias, comparadas com as dos outros grupos de origem bantu.

O grupo khoisan, por exemplo, para se alimentar recorre a frutos silvestres, pesca artesanal e caça, quando na condição de nómada, o que na opinião de

¹⁸ Fonte: Ministério da Educação (fevereiro de 2021). Projeto de empoderamento feminino e aprendizado para todos (PAT II) projeto nº 168699). Disponível in: https://www.pat-med.org/wp-content/uploads/2021/02/PEPI_PAT-II-P168699_FINAL.pdf.

¹⁹Jornal de Angola (20/06/2018). Salvemos os povos Khoisan. Disponível em: <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/detalhes.php?id=407026>.

António Didalelwa é uma situação que lhes cria sérios problemas, devido à escassez de meios de sobrevivência, situação que deve ser resolvida com a aplicação de projectos e acções concretas.²⁰

E já em 2019, um entrevistado San que alertava sobre a fome no Caiduno, Kuando Kubango, Manuel Tchiculo afirmou que “andamos quase todas matas mas, não encontramos quase nada, só apanhamos essas frutas com que nos alimentamos”; “Às vezes vamos caçar um Kambaby, estamos aqui a passar muito mal e não temos como mesmo”.²¹ Um outro senhor, de nome Munssili Nsipa, da província do Cunene, comentou que “não temos nada para comer. Não existe chuva há muito tempo. Temos que passar por várias zonas à procura de alimentos e frutos silvestres para alimentar as crianças”.²²

Em 2020, o governo da província do Kuando Kubango deu início ao projeto de apoio as comunidades San. Porém, o discurso assumido passou a ser de integração e não de inclusão novamente. Ao que fica explícito é que as ações do executivo local se resumem na mitigação dos problemas e não da solução definitiva daquilo que realmente ocorre no terreno. Há uma forte ausência de plano estratégico de inclusão dos San nos projetos estruturantes do governo como anunciado através do Plano de Desenvolvimento Nacional 2018-2022.²³ Repare que o portal oficial do governo da república de Angola informou o seguinte em 2020:

Com este programa, o governo provincial pretende encontrar um modelo que passe pela criação de condições para a integração dessas famílias nos processos de produção e de socialização, fixando-se em aldeias modelares que elas próprias ajudarão a construir, tendo à volta água e terras aráveis para o cultivo com ajuda das autoridades administrativas, que colocarão ainda ao dispor da comunidade serviços de saúde, educação, registo civil, entre outros.²⁴

A ministra Carolina Cerqueira afirmou, em 2020, em nome do Executivo angolano, que faria estudos de investigação e recorreria a iniciativas comparadas de outros países, como a Namíbia e a África do Sul, para encontrar soluções de inclusão social para estas minorias étnicas carentes de uma atenção especial do Executivo²⁵. Contudo, a Organização Não-governamental denominada de Mbakita que, desde 2002, trabalha em ações de beneficência na inclusão,

²⁰Jornal de Angola (11 de Julho de 2014). Integração social do grupo Khoisan. Disponível em: <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/detalhes.php?id=308633>.

²¹Rádio Voz da América: Khoisan no sul de Angola ameaçados pela fome. Disponível em: <https://www.voaportugues.com/a/khoisan-no-sul-de-angola-amea%C3%A7ados-pela-fome/5040645.html>.

²²Tribo Khoisan: uma luta secular pela sobrevivência. Disponível em: <https://vivimetalium.wordpress.com/2015/09/17/tribo-khoisan-uma-luta-secular-pela-sobrevivencia/>.

²³Governo de Angola (abril, 2018). Plano de Desenvolvimento Nacional 2018-2022. Disponível em: <https://www.ucm.minfin.gov.ao/cs/groups/public/documents/document/zmlu/njax/~edisp/minfin601408.pdf>.

²⁴Portal Oficial do Governo da República de Angola (06 de julho de 2020). Governo preocupado com a comunidade Khoisan na província do Kuando Kubango. Disponível em: <https://governo.gov.ao/ao/noticias/governo-preocupado-com-a-comunidade-khoisan-na-provincia/>.

proteção e promoção das minorias étnicas no Cuando Cubango, Moxico, Huíla, Namibe e Cunene, lamentou a falta de apoio do Governo angolano ao San. Nas palavras do seu diretor-geral Pascoal Samba “esta falta de inclusão deve-se exatamente à falta de políticas ou da própria falta de vontade política de quem governa, por serem um grupo maioritário. Os indígenas ou autóctones em Angola são excluídos por serem minoritários”.²⁶

Existe uma série de Convenções Internacionais sobre a Proteção dos Direitos Humanos dos grupos minoritários que precisa ser atendida: Declaração Universal dos Direitos Humanos; Convenção para a Prevenção e a Repressão do Crime de Genocídio; Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial; Convenção da UNESCO para a Eliminação da Discriminação na Educação; Pacto Internacional dos Direitos Civis e Políticos; Declaração dos Direitos das Pessoas pertencentes a Minorias Nacionais ou Étnicas, Religiosas e Linguísticas. Merecem destaque dois instrumentos legais internacionais: A Declaração Universal dos Direitos Humanos, em vigor desde 1945 e que defendia a possibilidade de se “Promover e estimular o respeito aos direitos humanos e às liberdades fundamentais para todos, sem distinção de raça, sexo, língua ou religião (Declaração universal dos direitos humanos). E a Declaração sobre os Direitos de Pessoas que Pertencem a Minorias Nacionais, Étnicas, Religiosas e Linguísticas, proclamada em 1992, através da Resolução 47/135 pela Assembleia Geral das Nações Unidas. Esta declaração é inspirada no art. 27 do Pacto Internacional dos Direitos Civis e Políticos, segundo o qual: “Nos Estados em que haja minorias étnicas, religiosas ou linguísticas, as pessoas pertencentes a essas minorias não poderão ser privados do direito de ter, conjuntamente com outros membros de seu grupo, sua própria vida cultural, de professar e praticar sua própria religião e usar sua própria língua” será um instrumento importante na salvaguarda dos direitos das minorias.²⁷

Angola tem alguma dificuldade de ser parte subscritora destas convenções, sendo que constitucionalmente estabelece que “todos são iguais perante a lei”. Contudo, na prática a discriminação direta ou indireta contra os grupos minoritários continua a ser praticada por conta da ausência de políticas públicas concretas. Por isso mesmo, o padre e ativista social angolano Pio Wakussanga, em entrevista à Rádio *Voz da América*, disse que, em virtude da ausência de uma política de inclusão nas escolas, “A primeira coisa a fazer é aprovar uma resolução que proteja as minorias, fazer uma emenda à Constituição para que esta preveja, de facto, a proteção,

²⁵Jornal de Angola (20/06/2018). Salvemos os povos Khoisan. Disponível em: <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/detalhes.php?id=407026>.

²⁶DW África (02.03.2022) Angola: ONG condena discriminação da minoria San. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/elei%C3%A7%C3%B5es-em-angola-khoisan-pedem-lei-de-prote%C3%A7%C3%A3o-de-minorias/a-62722509>.

²⁷Monteiro et all. Minorias Étnicas, Linguísticas e Religiosas. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/dados/cursos/dh/br/pb/dhparaiba/5/minorias.html#2>.

para que esta proteja as minorias étnicas e que elas sejam promovidas para que não tenham vergonha de se apresentar como elas são e que não haja limitação e que elas circulem”.²⁸

Angola precisa seguir os exemplos da Namíbia, Botswana e África do Sul, que construíram redes e pontes através do fomento a inclusão social. Portanto, hoje em dia, há uma população San significativa na Namíbia, onde a sua língua tem um estatuto oficial, sendo utilizada no ensino até ao nível universitário. Em 1999, a África do Sul restaurou os direitos e benefícios da terra para os Khomani San no Kalahari Gemsbok Park.²⁹ É interessante notar que outros exemplos de grupos minoritários e considerados como indígenas em várias partes do continente africano, como são os Pigmeus encontram amparo em alguns países, como, por exemplo, o Burundi, que alterou sua constituição para garantir a representação na assembleia nacional ao povo indígena Twa, que vive em vários países da região dos Grandes Lagos da África. No Ruanda, o governo trabalha com a principal organização Twa para investigar crimes de guerra perpetrados contra eles durante o genocídio de 1994, no qual cerca de um terço de todos os Twa daquele país foram mortos. Nos Camarões, há o reconhecimento dos “pigmeus” e pastores nômades como povos indígenas, sendo que o governo concordou em cumprir as políticas de compensação e reassentamento dos indígenas afetados pela construção do oleoduto Chade-Camarões, uma iniciativa apoiada por investidores privados e pelo Banco Mundial.³⁰ Apesar de variadas dificuldades, estes países fomentaram a inclusão social como instrumento que visa a aumentar a capacidade, a oportunidade e a dignidade de indivíduos e grupos étnicos de participarem da cidadania.

Os San ainda vivem à margem da sociedade dominante com histórico de discriminação, pobreza, exclusão social, erosão da identidade cultural e negação de direitos civis e políticos. O Grupo de Trabalho sobre Minorias Indígenas na África Austral (WIMSA), diz que os San de Angola foram seriamente afetados pelos prolongados conflitos no país. Alguns San atravessaram a fronteira como refugiados para a Zâmbia e a Namíbia, enquanto alguns foram para o Botswana e a República Democrática do Congo. Uma pesquisa de avaliação de necessidades encomendada pela WIMSA em parceria com uma organização local, a Organização Cristã de Apoio ao Desenvolvimento Comunitário (OCADEC) descobriu que os San em Angola “exigem intervenções focadas destinadas a garantir sua sobrevivência e proteger seus direitos humanos”

²⁸ DW África (05.08.2022) Eleições em Angola: Khoisan pedem lei de proteção de minorias. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/elei%C3%A7%C3%B5es-em-angola-khoisan-pedem-lei-de-prote%C3%A7%C3%A3o-de-minorias/a-62722509>.

²⁹ Tribo Khoisan: uma luta secular pela sobrevivência. Disponível em: <https://vivimetalium.wordpress.com/2015/09/17/tribo-khoisan-uma-luta-secular-pela-sobrevivencia/>.

³⁰ Mutume, Gumisai (April 2007). *Indigenous' people fight for inclusion*. Disponível em: <https://www.un.org/africarenewal/magazine/april-2007/%E2%80%98indigenous%E2%80%99-people-fight-inclusion>.

(...) “As comunidades San em todo o sul de Angola sofrem exclusão social, discriminação e exploração econômica... os direitos humanos são rotineiramente desrespeitados e violados”.³¹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo “Memórias dos grupos étnicos minoritários no sul de Angola: a dimensão da vulnerabilidade socioeconómica dos San” buscou fazer uma incursão a dimensão socioeconómica do grupo San residente na região Sul de Angola, em particular nas províncias da Huíla, Cunene e Cuando Cubango. Estes povos são portadores de uma memória coletiva imbuída de processos de exclusão social, política e económicos derivados de vários fatores, como, por exemplo, a presença colonial portuguesa e a falta de políticas concretas de inclusão destes povos por parte do governo. Diferente de outros países da região sul do continente africano, como a África do Sul, Namíbia e do Zimbábwe, nos quais houve um certo reconhecimento das línguas e o fomento da mobilidade de membros deste grupo étnico, Angola não foi capaz de desenvolver tal política.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALTUNA, Raul Ruiz de Asús. **A cultura tradicional banto**. Luanda: Secretariado Arquidiocesano de Pastoral, 2006.

CAMBANDA, Francisco Domingos. **A questão étnica como fator de estabilidade do processo político e do desenvolvimento socioeconómico em Angola**. Tese – (Doutoramento em Sociologia Económica e das Organizações). Universidade de Lisboa, Instituto Superior de Economia e Gestão, 2015.

CARMO, Cláudio Márcio do. Grupos minoritários, grupos vulneráveis e o problema da (in)tolerância: uma relação linguístico-discursiva e ideológica entre o desrespeito e a manifestação do ódio no contexto brasileiro. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 64, p. 201-223, agosto de 2016.

CHAVES, Luís de Gonzaga Mendes. Minorias e seu estudo no Brasil. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 149-168, 1970.

ESTERMANN, Carlos. **Etnografia de Angola (Sudoeste e Centro)**, Lisboa: Colectânea de artigos disperso, Volume I, 1983.

FITUNI, L.L. **Angola: Natureza, População e Economia**, Moscou: Ed. Progresso, 1985.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

³¹ Muwanigwa, Virginia (April 20, 2004). San people in southern Africa demand end to social exclusion. Disponível em: <https://www.sardc.net/en/southern-african-news-features/san-people-in-southern-africa-demand-end-to-social-exclusion/>.

HALBWACHS, Maurice. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Edição eletrônica realizada por Jean-Marie Tremblay a partir da primeira edição de 1925 (Paris: Librairie Félix Alcan). <http://classiques.uqac.ca/classiques/Halbwachs_maurice/cadres_soc_memoire/cadres_soc_memoire.html>

JUBILUT, Liliana Lyra *et al.* **Direito à diferença: Aspectos teóricos e conceituais da proteção às minorias e aos grupos vulneráveis**. São Paulo: Editora Saraiva, 2013.

KONDJA, J. E. **Produção de segmentos consonânticos do português por falantes nativos do !Khun (Khoisan)**, língua angolana. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem), Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas da Universidade do Minho, 2021.

MAIUNGA, Hélder Rodrigues. **Proposta para implementação de uma educação intercultural em Angola: Desafios e possibilidades à inclusão da tribo Khoisan no sistema educativo**. Tese (Doutorado em Educação), Universidade da Beira Interior, 2021.

M'BOKOLO, Elikia. **África Negra. História e Civilizações**. Salvador: EDUFBA, 2009.

PEDRO, Leonardo Tuyenikumwe; MUSSILI, Paulino Luís. Aspectos socio-históricos dos povos !kung (khoisan) de Angola. **Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras**, São Francisco do Conde (BA). v.1, nº Especial, p.164-188, 2021.

REDINHA, José. **Distribuição Étnica da Província de Angola**. Luanda: Centro de Informação e Turismo de Angola, 1969.

SANTILLIOS, Juliana. As minorias étnicas e nacionais e os sistemas regionais (europeu e interamericano) de proteção dos direitos humanos. **Revista Internacional de Direito e Cidadania**, n. 1, p. 137-151, 2008.

VASCONCELOS, Rodrigo Ribeiro de; SOUZA, Mércia Cardoso de; VIANA, Ruth Araújo; CARDOSO, João Gabriel (Orgs). **Direito Penal das Minorias e dos Grupos Vulneráveis**. Salvador: Editora Jus Podivm, 2009.

WHEELER, Douglas; PÉLISSIER, R. **História de Angola**. 1ª Edição, Lisboa: Editora Tinta-da-China, 2009.

Recebido em: 18/02/2021
Aprovado em: 14/12/2021